

apenas por nós  
choramos  
anna  
mariano

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Pedro Gonzaga

FOTO DA AUTORA: Carin Mandelli

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

M33a Mariano, Anna.

Apenas por nós choramos / Anna Mariano – Penalux:  
Guaratinguetá, 2019.

100 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-473-0

1. Poesia I. Título

CDD B869.1

---

Índice sistemático:  
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## Canção para arrumar a mesa

De minha mãe, eu sei, herdei a calma  
os pés no chão, a luz dos candelabros.

Mas quem legou as mãos ardendo em brasa?  
Quem semeou em mim esta semente  
a cada outono florescendo em dalias?

Era tão certa a casa em que vivíamos  
seu lúcido equador, as costas largas  
bonança horizontal pompa e decoro.

Sobre a toalha, o rol de cicatrizes:  
à esquerda os garfos, à direita as facas  
no centro, o prato, dentro, o guardanapo.

Onde coloco, mãe, essa vontade de afiar as garras?

## Quietude

Deixar o dia passar em brancas nuvens  
sem cobiça sem querer como quem troca  
palavras desatentas com a vizinha  
*hoje a tarde está tão quente, talvez chova*  
receitas sobre o muro, madressilvas.

Deixar o tempo correr por sob a casa  
entre canos de cimento, fundamentos  
lá por trás do assoalho, lá por baixo  
onde brincam amores fracassados  
e uma dor tão velha que nem mais é triste.

Também a noite deixar que passe em branco  
sobre o sereno lacrimar das pedras  
sem ouvir o coração pulsando sangue  
e no fundo mais profundo de ti mesmo  
adormecer sofrendo normalmente.

Lembrar por lembrar que o leiteiro  
num repicar de vidros e garrafas  
acordava com leveza as madrugadas  
afagava os que dormiam com seus sonhos  
e partia sem saber que ali ficava.

## Andarilha

Feridas marcando meu rosto?  
Isso é coisa nenhuma  
a vida me dói é lá dentro, onde  
estou corrompida em vinte  
mil fragmentos.

Procuro a reza perdida um cheiro um sei lá o quê.  
À noite reluzem besouros, sinos soam tristonhos.  
Batem por mim alguém disse.  
Difícil acreditar a corte já tem o seu bobo.  
Sou tudo  
menos que nada.

Sob essa luz que esmerilha a dureza do concreto  
fazendo nascer no asfalto olhos de boitatá  
me defendo como posso.

Olhos voltados pra trás, quero rever a árvore  
caverna, beira de poço  
onde pousavam pardais.

Minto ao oficial da alfândega dizendo que tudo é meu.  
Não sei o que levo nas malas  
de outros, as recebi.

Chego mais perto  
e o que grita, o que no interno sussurra

gravado na minha pele, vira matéria de sonho  
nuvem gerando pedra  
e esta fome abstrata que não cabe no meu lenço.

Quem dera tivesse agora a velha taça lascada  
onde bebia meu pai.  
Seu chapéu de gabardine tinha uma sombra macia capaz de  
coar o mundo.

É tarde o mundo se acalma feito paisagem da Holanda  
onde há sempre uma ameaça, um afogar-se de vez.

Andar é coisa sagrada.  
Não ser feliz justifica.

## Cabelos brancos

Cabelos brancos marca o calendário  
não é mais tempo de flores ocultas.

O que vivia no emaranhado  
o que era febre, pranto e ressonância  
de flor oculta nos cabelos brancos  
deve tornar-se terra devoluta  
deve morrer em branca simetria.

Na casa antiga, eu e meus fantasmas  
(loucos fantasmas, plácidos fantasmas)  
confundo noites entrelaço dias  
tento bordar fronteiras e limites  
e as porteiras fechadas de um potreiro  
onde fui égua e garanhão, um dia.

Mas é incerta a colcha onde os retalhos  
ora são muros ora são demônios  
reinventando flores  
não apenas brancas.

## Varais

Meu coração curioso

espia

pra além do muro

os varais embandeirados.

Entre ternuras rasgadas mostrando o verde vazio:

tranças de fita enfeitadas sandálias desamarradas

aventais ainda molhados de choro recém chorado

velho saudoso de filho cuidando de passarinho

tanto amor amarelado

tanto desejo de vida tanta morte desejada

guri querendo ser padre, padre querendo guri

e um ateu assustado rezando pra não chorar.

Na linha fina da brisa dançando ao chumbo das horas

há meninas distraídas deixando a vida passar

meias perdidas dos pares

laços risonhos de infância, domingos com cheiro de flor

santo cansado de reza aprendendo a duvidar.

Estranhos negócios da China, senadores, deputados

vaidades muitas, cadeados

de ouro cavo e fechado

e um homem amando outro com medo de confessar.

Pendurada nos varais há funda melancolia fingindo

ser quem não é

há ódio amor e cansaço

alegrias revividas, tragédias nunca esquecidas.

Uma velha prostituta aprendendo a tricotar

mulher pedindo um poema

três livros jogados fora por serem sábios demais

e mansa areia dizendo que um dia foi pedra e mar



## Marfim e ébano

Neste frágil corpo de marfim e ébano  
já tão cheio de linhas rachaduras  
em que buscas te ocultar, eu me desnudo  
e onde és limite  
sou voragem  
e onde és sede  
sou açoite  
a fustigar a fome dos abutres  
dos tigres, dos leões, dos leopardos.

Quando emudeces eu respiro e grito.

Não me comove a tua cortesia  
conheço bem nossa secreta raiva  
o marulhar das coisas que perdemos  
e a saudade de todas as fadas  
que sonhávamos domar quando crianças.

De que nos serve a angústia organizada  
se dentro dela, eu sei, a vida bate  
num estalar de estrelas, rebuliço  
e somos duas embora misturadas  
e é sempre por nós mesmas que choramos.

---

Este livro foi composto em Sabon Next LT  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen bold 90 g/m<sup>2</sup>, em janeiro de 2019.

---